



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A BUSCA DE SENTIDO EM O VELHO E O MAR: UM RETRATO DE VULNERABILIDADE E ESPERANÇA

The Search for Meaning in The Old Man and the Sea: A Portrait of Vulnerability and Hope

Leonardo Ferreira Gonçalves*

Francine Cabanas Tobin**

Marcelo Ramos Saldanha***

Resumo:

O presente trabalho visa analisar a novela de Ernest Hemingway, *O Velho e o Mar*, a partir da ótica de Viktor Frankl sobre o sentido da vida. Esta é uma das obras de ficção mais famosas de Hemingway, publicada em 1952 e escrita em Cuba, país que possui grande afinidade com pescadores. A narrativa se concentra em Santiago, um velho pescador experiente que, após 84 dias sem pescar, é incentivado por um jovem rapaz a continuar tentando, levando-o a se aventurar mar adentro por longos dias. Durante esses dias, Santiago fisga um peixe gigante que oferece grande resistência, conduzindo-o a uma jornada de muitas reflexões, perseverança e perigos em alto-mar. O que essa novela pode nos dizer a respeito da esperança e da incansável busca pelo sentido da vida? Entendendo essa busca como a força primordial no ser humano, embarcaremos nessa aventura junto ao pescador Santiago, sendo indagados, juntamente com ele, por Frankl. Esta pesquisa exploratória tem como objetivo identificar as principais relações entre sentido, linguagem, narrativa bíblica e suas interpretações. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica em fontes secundárias. Como resultado, foi possível identificar uma relação direta entre os temas expostos, o que afeta a forma como os seres humanos se compreendem e se relacionam com a realidade e seu sentido.

Palavras-chave: Sentido. Vulnerabilidade. Esperança.

* Leonardo Ferreira Gonçalves é bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Brasília, é mestre em Teologia pelas Faculdades EST (São Leopoldo) e atualmente está realizando o doutorado em Teologia pelas Faculdades EST (São Leopoldo). Email: leomovlab@gmail.com

** Francine Tobin é graduada em Fotografia pela ULBRA e mestre em Teologia pelas Faculdades EST (São Leopoldo). Email: francinetobinphotos@gmail.com

*** Marcelo Ramos Saldanha é Doutor em Filosofia pela Universidade da Beira Interior, em Portugal. É mestre em Teologia no Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST, bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia das Faculdades EST e licenciado em Artes visuais pela Claretiano. Email: marcelo.saldanha@est.edu.br

Abstract:

This paper aims to analyze Ernest Hemingway's novella, *The Old Man and the Sea*, through the lens of Viktor Frankl's views on the meaning of life. *The Old Man and the Sea* is one of Hemingway's most famous works of fiction, published in 1952 and written in Cuba, a country with a deep connection to fishermen. The narrative centers on Santiago, an old, experienced fisherman who, after 84 days without a catch, is encouraged by a young boy to keep trying, leading him to venture far out to sea for several days. During this time, Santiago hooks a giant fish that puts up a fierce fight, leading him on a journey of deep reflection, perseverance, and dangers on the open sea. What can this novella tell us about hope and the relentless search for the meaning of life? Understanding this search as the fundamental driving force in humans, we will embark on this adventure alongside Santiago, guided by Frankl's insights. This exploratory research aims to identify key relationships between meaning, language, biblical narratives, and their interpretations. Data was collected through a review of secondary sources. As a result, a direct connection between these themes was identified, influencing how humans understand themselves and relate to reality and its meaning.

Keywords: Meaning. Vulnerability. Hope.

1. Considerações Iniciais

A novela de Hemingway, *O Velho e o Mar*¹, é uma aventura que exige do protagonista, o pescador Santiago, uma reação, uma resposta a cada situação imposta pelo mar. De uma perspectiva logoterapêutica de Viktor Frankl², essas circunstâncias, por mais desfavoráveis que sejam, não definem quem o ser humano é ou quem ele se tornará, pois somente o próprio ser humano, em sua decisão interior, define quem ele é.

Inicialmente, estabeleceremos os fundamentos do conceito de busca de sentido em Frankl por meio da Logoterapia, que analisa o sentido da vida, abordando a busca de sentido conforme o autor. Em seguida, nos concentraremos em entender a busca de sentido de Frankl através das “três formas de descobrir sentido na vida”³, aprofundando-nos na auto transcendência da existência humana, para

¹ HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. 78. ed. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2013.

² Viktor Frankl foi um psicólogo austríaco (1905-1997) que se tornou prisioneiro no campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Foi o fundador da Logoterapia, que estuda o sentido da vida. Frankl defende que o sentido da vida não deve nunca ser egocêntrico, o ser humano deve abrir-se para algo maior que si mesmo.

³ FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009.

compreendermos a mensagem de Frankl de que é o ser humano quem está sendo indagado pela vida, e não o contrário. Dando continuidade à temática e estabelecidas as bases da Logoterapia, analisaremos, em um segundo momento, a novela *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, observando como o ser humano está expresso em Santiago, ou seja, o que podemos aprender com essa personagem e como a busca de sentido está representada nessa obra.

A esperança, a vulnerabilidade e o sofrimento são temas que nos acompanharão ao longo da leitura, em que diversos autores dialogarão com Frankl e Hemingway. Falar sobre o ser humano e sua busca de sentido implica também em abordar o problema do sofrimento, a vulnerabilidade e a bem-aventurança da esperança, que fortalece a humanidade em sua jornada frente ao mar da vida.

2. A busca de sentido de Viktor Frankl

A obra *O Velho e o Mar* pinta um quadro contemplativo sobre a vulnerabilidade e a esperança humanas, colocando-nos em contato com a força primordial do ser: a busca por sentido. O protagonista, Santiago, o pescador, é descrito com “marcas na pele”, sinalizando um ser humano vivido, batalhador, perseverante, mas atingido pelo tempo. Como descreve Hemingway, “tudo nele e dele era velho, menos os olhos, que eram da cor do mar e alegres e não vencidos.”⁴

Através dessas simples descrições, podemos antever o destino de grande parte da humanidade. A novela, com suas diversas linguagens e conotações relacionadas ao universo da pesca, revela-se muito mais abrangente, tornando-se uma reflexão bela e dinâmica sobre a vida. Ela apresenta o mar em toda a sua força e agressividade, assim como as adversidades da existência. Pode-se interpretar a trama como uma alegoria da disputa entre a natureza e a humanidade, personificada na figura do pescador em confronto com o peixe e, posteriormente, na luta pela sobrevivência diante dos ataques de tubarões. Nessa espécie de parábola sobre a vida, na qual o mar simboliza as adversidades, o peixe surge como o objetivo de Santiago, aquilo pelo qual ele lutaria incansavelmente.

⁴ HEMINGWAY, 2013, p. 3.

O sentido da vida pode parecer amplo, vago e até abstrato, razão pela qual se faz necessário esclarecer nosso ponto de partida para discutir a temática e, tendo-o feito, relacioná-la com a novela *O Velho e o Mar*. Partiremos da ótica do psicólogo Viktor Frankl⁵, na qual nos aprofundaremos a seguir. O austríaco de família judaica foi o criador da Logoterapia, conhecida também como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Antes dele, temos a primeira escola de Sigmund Freud, e a segunda escola de psicologia foi a de Alfred Adler. A Logoterapia é uma terapia centrada no sentido da vida, ou seja, visa reorientar o paciente para o sentido em potencial de sua vida.

É importante esclarecer que, contrariando a interpretação do psicólogo existencialista Rollo May⁶, que sugere que os logoterapeutas estão próximos do autoritarismo por parecer que “se o paciente não consegue descobrir seus objetivos, Frankl fornece-lhe um”⁷, como se o logoterapeuta “criasse” um sentido, Frankl não defende a “invenção” desse sentido, mas sim a ampliação da percepção do paciente para os sentidos em potencial de sua vida. O autor esclarece essa falácia com o exemplo do “Oculista e do Pintor.”

Em linguagem figurada, o papel do logoterapeuta é antes o de um oculista que de um pintor. O pintor procura transmitir-nos uma imagem do mundo como ele o vê; o oftalmologista procura capacitar-nos a enxergar o mundo como ele é na realidade⁸.

Podemos aprender aqui algo de suma importância para nossa compreensão da Logoterapia. Frankl defende que o sentido não pode ser dado ou criado, mas deve ser encontrado. No livro *Em Busca de Sentido*⁹, ele explica sua teoria, esclarecendo que nenhum ser humano inventa o sentido da vida; em vez disso, ele é cercado e indagado pelo sentido de sua própria vida. O livro narra a experiência de Frankl em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, onde ele vivenciou sua própria busca pelo sentido da vida. O autor escreve sobre suas percepções de

⁵ FRANKL, 2009.

⁶ MAY, R. O surgimento da Psicologia Existencial. Em: R. May (Ed.) *Psicologia Existencial*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 1-56.

⁷ MAY, 1976, p. 50.

⁸ FRANKL, 2019, p. 134.

⁹ FRANKL, 2009.

como funcionava a mente de um prisioneiro de guerra e como era a vida comum nesse ambiente.

Em um segundo momento, Frankl estabelece as bases de sua teoria da Logoterapia e descreve seu método psicoterapêutico para encontrar uma razão para viver em situações aparentemente desprovidas de sentido. No livro, o leitor é guiado para dentro do campo de concentração e transportado junto com Frankl de um campo para outro. Durante esse trajeto de trem, a leitura nos coloca em contato com nossos próprios objetivos, indaga sobre nossa motivação para viver e nos solicita uma resposta frente à vida. Frankl foca na pergunta: afinal, o que é ser humano? Sua resposta está relacionada ao uso da habilidade de transcender uma circunstância desfavorável e agressiva, preservar a liberdade interior e, dessa forma, não renunciar ao sentido da vida, mesmo em situações desanimadoras e cujo destino é o sofrimento.

Estamos introduzindo as bases da Logoterapia para, então, analisarmos as possíveis aplicações à novela de Hemingway. A busca de sentido é a “principal força motivadora no ser humano”, sua principal motivação para viver, esclarece Frankl. Desse modo, todo indivíduo tem em si uma “vontade de sentido” – um dos pilares da Logoterapia –, ou seja, uma vontade de descobrir e realizar o sentido de sua vida, sendo essa busca a força impulsionadora que o move. O autor nos apresenta três caminhos, “três formas de descobrir o sentido da vida”:

De acordo com a logoterapia, podemos descobrir este sentido na vida de três diferentes formas: 1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável¹⁰.

Através dessas “três formas de sentido”, confirmamos a característica da “autotranscendência da existência humana”¹¹, ou seja, o fato de que o ser humano e, conseqüentemente, o sentido, se abrem para algo ou alguém além de si próprio, diferente de si mesmo – “seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar”.¹² É importante entender que, quando Frankl fala de sentido, ele não se refere a algo

¹⁰ FRANKL, 2019, p. 135.

¹¹ FRANKL, 2019, p. 135

¹² FRANKL, 2019, p. 104, 135.

vago, mas sim a algo muito concreto, ou seja, realizável (algo que a pessoa pode realizar), assim como as circunstâncias da vida são concretas.

Essa exigência, e com ela o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por este sentido. A vida como a entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são bem concretas. Esta concreticidade está dada pelo destino do ser humano, que para cada um sempre é algo único e singular. Nenhum ser humano e nenhum destino pode ser comparado com outro; nenhuma situação se repete.¹³

Esse sentido concreto nunca aponta apenas para a própria pessoa, mas sim para algo externo a ela, encontrado no mundo — como nas três formas mencionadas anteriormente —, e não dentro da pessoa ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Agora, avançaremos para analisar a renomada novela de Hemingway, que nos presenteia com a vastidão do mar desafiando um pescador corajoso, sábio e perseverante. Examinaremos a história sob a perspectiva do conceito de sentido em Frankl.

3. A novela de Hemingway e o sentido da vida: sobre esperança, vulnerabilidade e sofrimento

A narrativa de *O Velho e o Mar* nos apresenta Santiago, e ao refletirmos sobre ele, somos levados a pensar sobre a condição humana. É neste "lugar" que enxergamos claramente as condições vulneráveis e tipicamente humanas nas quais todos nos encontramos. Deparamo-nos com aspectos da chamada “condição de criaturalidade” descrita pelo autor Joe Rigney.¹⁴ Essa condição denota três características comuns a todo ser humano: temporalidade, corporeidade e finitude. O autor expõe essas características de maneira positiva, como algo bom, promovendo uma visão de mundo igualmente positiva. Rigney nos encoraja a não encarar essas características como defeitos ou falhas que tornariam o mundo terrestre opaco e sem brilho, mas sim como aspectos projetados “pela sabedoria infinita para comunicar as riquezas insondáveis de sua glória.”¹⁵ O autor define: “ser um humano verdadeiro e

¹³ FRANKL, 2019, p. 102.

¹⁴ RIGNEY, Joe. *As coisas da terra: estimar a Deus ao desfrutar de suas dádivas*. Brasília: Editora Monergismo, 2017.

¹⁵ RIGNEY, 2017, p. 92.

completo é ser uma alma encarnada e um corpo animado.”¹⁶ Para ele, é fundamental abraçar a “condição de criaturalidade”, ou seja, ser uma criatura temporal, corpórea, finita, existindo no tempo, em corpo e no espaço. Essas características nos lembram da vulnerabilidade humana.

Quando lemos *O Velho e o Mar* sob a ótica da Logoterapia de Frankl, percebemos Santiago respondendo ativamente a cada circunstância que a vida lhe impõe, e enxergamos que o pescador expressa o motivo que o move; o que o anima; qual é o sentido de sua vida. Na novela, o peixe que Santiago tanto deseja pescar revela-se como algo que ele precisa realizar, um sentido a ser cumprido por ele. Em sua jornada, o pescador parece estar em constante teste, como se a vida lhe fizesse perguntas, solicitando uma reação, como se o mar o estivesse desafiando e indagando. Diante das muitas adversidades enfrentadas por Santiago, há um posicionamento ativo e responsável dele em relação ao seu objetivo, sua vida e à continuidade dela, o que dialoga com a visão de Frankl¹⁷ sobre o ser humano como um ser indagado, ao qual a vida dirige perguntas que apenas ele, em sua decisão interior, pode responder: viver não significa outra coisa senão arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida¹⁸, o que implica necessariamente a ação ativa da esperança.

4. O sentido: o ser como indagado

Quando Frankl faz uma reviravolta na abordagem da pergunta sobre o sentido da vida, ele coloca o ser humano na posição de indagado, e não o contrário: não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados¹⁹, escreve o autor — um lugar em que Santiago frequentemente se encontra. De uma perspectiva logoterapêutica, Santiago está na posição do ser indagado, ao qual a vida faz perguntas, enquanto, da mesma forma, ele se encontra em busca de sentido, de algo a realizar, pelo qual é responsável. Para Frankl, as circunstâncias externas desfavoráveis não moldariam Santiago, que sempre

¹⁶ RIGNEY, 2017, p. 92.

¹⁷ FRANKL, 2009.

¹⁸ FRANKL, 2009, p. 102.

¹⁹ FRANKL, 2009, p. 101.

perseverava. Para cada “golpe” do mar, vemos o pescador revidar ao não desistir; permanecendo firme onde estava, sem hesitar. E por quê? O que fez Santiago não desistir?

O pescador tinha muito bem fixado para si o sentido pelo qual estava ali; a razão pela qual lutava; ele tinha fé de que atingiria seu objetivo. Essa fé o manteve firme. De uma perspectiva holística, poderíamos abrir um gigantesco parêntese sobre os impactos da fé na vida de diversas pessoas que enfrentaram circunstâncias terríveis, mas permaneceram firmes até o fim, sem cair em desespero, crise existencial ou suicídio. Por outro lado, indivíduos céticos em relação à fé podem acabar desistindo por muito menos. Frankl testemunhou esse fato durante os anos que viveu em campos de concentração nazistas. O autor presenciou a importância da fé para a sobrevivência humana, ao escrever:

Nossa geração é realista porque chegamos a conhecer o ser humano como ele de fato é. Afinal, ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-nosso ou o Shem 'aYisrael²⁰.

Frankl conta que as mesmas pessoas que eram agredidas e humilhadas permaneciam confiantes e com esperança na vida, acreditando que ela vale a pena e tem sentido. Essas pessoas caminhavam para as câmaras de gás de cabeça erguida e com uma oração nos lábios. O que é isso senão fé? Senão a certeza de que há um sentido pelo qual vale a pena lutar? Trata-se do que Frankl escreveu sobre a tensão: “o que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena.”²¹ Era disso que Santiago tinha certeza: que valia a pena.

Essa decisão interior consiste na liberdade espiritual do ser humano de escolher uma atitude contrária às adversidades externas, como, por exemplo, uma disposição para continuar lutando com esperança mesmo em desvantagem. Levantam-se aqui questões existenciais sobre a vida do ser humano no mundo. É perceptível essa perseverança em Santiago, que, quando já não aguenta mais, diz a si mesmo: “Não aguento mais voltas. Sim, aguentas!” Sua decisão interior emerge aqui como uma voz interna que o convence de que, sim, ele aguentava. Sua escolha

²⁰ FRANKL, 2019. p. 156.

²¹ FRANKL, 2019, p. 130.

de não desistir de seu objetivo já estava tomada, e nenhuma circunstância externa a mudaria.

Podemos enxergar nossa jornada na vida desse pescador e fazer várias perguntas: estamos preparados? Estamos dispostos a suportar tempestades em prol de nossos objetivos? Lutaremos pelo que acreditamos? Agiremos por fé ou por visão? Esperaremos ou desistiremos? Quantas vezes a vida já nos fez essas perguntas! Cada ser humano é insubstituível em sua resposta; só ele pode responder perante o que é responsável.

4.1 Esperança

A temática da esperança e perseverança, lançando uma perspectiva teológica, pode ser encontrada em peso no texto bíblico, onde não faltam exemplos de personagens que, levadas ao seu limite, permaneceram convictas e firmes rumo aos seus objetivos. Isso é exposto pelo teólogo Justo González²² a respeito dos mártires da Igreja primitiva. Essas pessoas, mesmo ao longo da jornada, puderam se intrigar com questões sobre si mesmas, mas estavam certas de seus respectivos alvos e dispostas a lutar por eles, testemunhando a dignidade humana mesmo diante da morte. Santiago, cheio de coragem, afirma antes de partir em sua jornada: “Vou provar do que o homem é capaz e pode aguentar.” Hemingway também explora a persistência humana na figura de Santiago, o que nos leva a refletir sobre o que o ser humano é realmente capaz. No livro mencionado de Frankl, onde o autor vivenciou as trevas do campo de concentração, ele escreveu sobre pessoas que lutaram firmes até o fim.

A luta de Santiago naquele barco alude a uma luta pela sobrevivência e pelo sentido, uma batalha constante e diária. É comum a todos os seres humanos, como seres indagados, como sugere Frankl, arcar com a responsabilidade de responder aos problemas da vida. O ser humano é movido pela vontade de viver e pela busca de sentido, lembrando o pensamento de Nietzsche, que afirma que, quando o ser humano tem pelo que viver, ele pode suportar qualquer situação, como um feroz

²² GONZÁLEZ, Justo L. *E até os confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ataque de tubarões, intensas dores, sede e até mesmo a experiência de um campo de concentração nazista.

Santiago estava em busca de algo. Ele tinha um objetivo, um porquê, e amava o que fazia, mesmo diante de todas as circunstâncias externas desfavoráveis. Ele se comportava de maneira ativa, moldando seu destino em vez de se entregar às dificuldades, conforme defendido por Frankl²³ em sua teoria da Logoterapia²⁴. A busca humana por algo além de si é histórica e intrínseca ao ser humano. Frankl defende que a pessoa sempre aponta para algo diferente dela mesma, algo além de nós, como discutimos anteriormente sobre a autotranscendência humana. A própria busca por um sentido é caracterizada como transcendental, pois a pessoa acredita em um significado externo a si.

A esperança emerge diante desse contexto como o fator que alimenta aquilo que move o ser humano: a busca por um sentido, como já mencionado. A expectativa de encontrar esse sentido faz com que o ser humano indagado continue caminhando com a confiança de que encontrará seu propósito existencial. Essa esperança o mantém firme diante de todos os “como” que a vida lhe impõe.

Essa esperança perseverante é um atributo de Santiago, que permanece firme e expande sua alma a limites antes não superados e, para muitos, insuperáveis. A personagem revela o valor da esperança perseverante para o ser humano que deseja encarar a vida e experimentá-la com significado. Assim, diante do vazio da incerteza e da fraqueza, a presença da esperança surge como conteúdo suficiente para manter o ser humano em movimento, continuando com seu projeto de vida, apesar das vulnerabilidades, que são uma realidade concreta da vida humana, mas não um impedimento para encontrar o sentido da vida. Diante disso, abordaremos esse tema na próxima seção.

4.2 Vulnerabilidade

Vulnerabilidade, em sua etimologia, é um termo de origem latina que deriva de *vulnus* (eris), que significa 'ferida', ou seja, a susceptibilidade de ser ferido. Essa

²³ FRANKL, 2019.

²⁴ FRANKL, 2019.

definição, em seu aspecto originário e radical, ou seja, no sentido etimológico-conceitual, está presente em todas as evocações do termo, seja na linguagem cotidiana ou em áreas especializadas que abordam essa temática a partir de diferentes perspectivas. No entanto, o termo pode assumir especificações variadas conforme o contexto em que é utilizado. Além disso, é importante considerar o processo evolutivo pelo qual ele passou no campo da reflexão e da prática."

Patrão Neves²⁵ relata que:

A noção de vulnerabilidade é introduzida no Relatório Belmont para classificar, de forma particular (apenas alguns são ditos vulneráveis) e em termos relativos (comparativamente aos ditos não vulneráveis), tanto pessoas singulares, na seção sobre a voluntariedade, como populações, na seção dedicada à "avaliação sistemática de riscos e benefícios", que se encontrem numa situação de exposição agravada e que possam vir a ser "feridas", isto é, serem prejudicadas nos seus interesses pelos interesses de outrem no âmbito da pesquisa biomédica e, mais especificamente, no da experimentação humana²⁶.

Nesse contexto, a vulnerabilidade é compreendida como um adjetivo atribuído a determinados grupos de pessoas que se encontram em situações de risco. Dessa forma, "a função adjetivante com que é utilizada apresenta-se primeiramente como um fato, num plano descritivo."²⁷ Quando compreendida nesses termos, a vulnerabilidade precisa ser superada. O objetivo torna-se extinguir toda manifestação desse padrão de injustiça, o que exige uma resposta ética ativa na luta contra o risco ao qual determinados grupos de pessoas estão expostos.

A significação desse termo acabou se mostrando expansiva, e o tema passou a ser desenvolvido dentro de outras áreas do conhecimento, como a filosofia, que começou a compreender que a vulnerabilidade não se restringe a determinados grupos de pessoas, mas é uma condição de todo ser humano.

Nesse sentido, dois autores se destacam no desenvolvimento do tema como condição, ou seja, como um substantivo, e não um adjetivo: Emmanuel Lévinas e

²⁵ PATRÃO NEVES, M. Sentidos da vulnerabilidade: característica, condição, princípio. *Revista Brasileira de Bioética*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 157–172, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/7966>. Acesso em: 24 out. 2023.

²⁶ PATRÃO NEVES, 2006, p. 158.

²⁷ PATRÃO NEVES, 2006, p. 159.

Hans Jonas, que desenvolveram esse tema de forma mais intensa na década de 1970.²⁸

Lévinas compreende a vulnerabilidade como uma condição existencial ao desenvolver sua perspectiva de ser a partir da relação com o outro. Ele defende a alteridade como princípio articulador do (re)conhecimento e do aprendizado com as diferenças. Esse processo envolve abrir-se ao outro para se compreender como ser humano.²⁹ Thomas Merton³⁰ corrobora essa perspectiva ao dizer que “é vivendo junto com os outros, e como eles, que aprendemos a viver – processo este que possui inconvenientes e benefícios.”

Nesse processo de abertura para a relação com o outro, expõe-se a vulnerabilidade ao se envolver em um relacionamento. Isso exige confiança no outro, no sentido de que ele não atuará com violência nessa interação de reconhecimento de si fora de si mesmo.

Santiago evidencia isso nas relações estabelecidas com os habitantes do lugar onde vive, ora recebendo violência e desprezo de alguns, ora reconhecendo virtudes na sua relação de mestre e aluno com o jovem, que, de alguma maneira, o faz perseverar para ensinar a perseverança ao aluno. Este, por sua vez, se expõe ao risco da vulnerabilidade ao decidir manter a fraternidade com o velho pescador.

Hans Jonas, por sua vez, apresenta a vulnerabilidade como condição de todo ser que existe, pois tudo que existe pode deixar de existir.

[...] sendo o existente, todo o ser vivo perecível, isto é, finito, mortal, apresenta-se também como originário e irredutivelmente, vulnerável. Neste sentido, a vulnerabilidade não é específica ao homem, mas, antes, comum a todo o existente, exprimindo a natureza mesma do vivente [...]³¹

Essa perspectiva não convida o ser humano a eliminar a vulnerabilidade; ao contrário, ela o chama a aceitá-la como uma condição existencial e a respeitá-la, sem usá-la como justificativa para um fatalismo existencial que leve à desistência da vida. Da mesma forma, a vulnerabilidade não pode ser compreendida ou utilizada como um fator de diferenciação entre pessoas e populações, como ocorria em sua acepção

²⁸ PATRÃO NEVES, 2006.

²⁹ KUIAVA, Evaldo Antonio. Ética da alteridade. In: TORRES, Carlos Brum João (Org.). *Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 324-345.

³⁰ MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Rio de Janeiro: Petra, 2021. p. 12.

³¹ PATRÃO NEVES, 2006, p. 164.

como característica adjetiva. O que se espera é o dever ético do cuidado mútuo ou, nas palavras de Lévinas, que “o amor é o eu satisfeito pelo tu, captando em outrem a justificação de seu ser. [...] O calor afetivo do amor realiza a consciência dessa satisfação, desse contentamento, dessa plenitude, encontrados fora de si.”³²

Santiago torna esse conceito evidente em várias cenas. Ele compreende sua própria vulnerabilidade ao perceber seu corpo e vigor, bem como o fracasso como pescador que precisa se redimir com uma grande pesca. Ele também a entende na criação, algo latente em sua luta com o grande peixe e depois em sua tentativa de protegê-lo dos tubarões, entre muitas outras cenas da narrativa que poderiam ser citadas.

Sua relação de respeito com a vulnerabilidade também o fez acreditar que o raio de ação em que ela o atingia poderia, em alguma medida, ser superado pela perseverança. A sua perseverança não anularia sua condição existencial; no entanto, ela o faria conhecê-la mais de perto, ao ponto de trazer uma compreensão adequada do que seria o vulnerável de fato e do que seria a falsificação dessa condição, através das crenças e medidas de valor perpetuadas pela tradição dos habitantes de sua cidade.

A vulnerabilidade torna-se, neste contexto, um elemento indispensável para a compreensão do sentido, pois ela ilumina a realidade de quem é o ser humano, o que pode revelar seu propósito e valor, vias que conduzem e pavimentam o caminho para o sentido.

Foi exatamente isso que Santiago experimentou nessa jornada: a compreensão de que a vulnerabilidade, que demanda uma consciência de dever e responsabilidade como resposta, também espera que o ser humano rompa seus limites pessoais e inspire outros a fazerem o mesmo, sem ignorar sua condição, traçando uma jornada em busca de um sentido que transcenda sua situação existencial atual. Isso também foi experimentado por Frankl³³, que percebeu que o amor por sua esposa o mantinha vivo, mesmo sem saber se ela estava viva ou morta, mesmo diante da incerteza quanto ao resultado externo e final. Apesar das limitações,

³² LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p.43.

³³ FRANKL, 2019.

o sentido interior, o dever e a responsabilidade de amá-la o moviam, assim como o compromisso de pescar o grande peixe.

Foram justamente essas “condições” de vulnerabilidade que causaram as marcas na pele de Santiago; foram essas características que o fizeram entender que seu vigor corpóreo já não era mais o mesmo, embora seu homem interior permanecesse jovem e forte. Podemos absorver desse ensaio de Hemingway que a finitude e a vulnerabilidade marcam a humanidade; que elas podem causar feridas, mas também aprendizados; e que elas podem apontar para algo maior que nós mesmos. A temporalidade impacta o ser humano, e sua corporeidade o lembra do tempo. Mas, além dessas condições, a esperança também transforma a humanidade. A esperança de Santiago em conseguir pegar aquele peixe fez com que ele ignorasse as condições adversas e partisse nessa jornada, certo de que encontraria o que ainda não via. Era uma prova, um tipo de desafio, uma aventura que testemunharia do que o ser humano é capaz, contando tudo o que aconteceria entre o ponto de partida e o ponto de chegada.

Dessa forma, temos uma vulnerabilidade que estimula a esperança e não a sufoca, pois a esperança que nasce da compreensão da vulnerabilidade como condição existencial se torna palpável através do exemplo e do testemunho de quem a experimentou no passado.

5. Considerações finais

A novela de Hemingway revela-se uma obra profunda e bela. Profunda por abordar questões fundamentais sobre a relação do ser humano com a vida, explorando temas complexos e essenciais que permeiam o desespero e a angústia vividos como condições inevitáveis pelos indivíduos em seus diversos contextos. No entanto, é uma obra que não apenas descreve essa realidade, mas também cria uma possibilidade de resposta ativa a essas demandas.

Carregada de reflexões realistas e permeada por atitudes de esperança frente às adversidades, a obra oferece uma resposta à questão sobre o sentido da vida. Ela desafia os seres humanos a buscar uma resposta para sua própria condição, que, embora marcada por vulnerabilidades, sofrimentos e cansaço, é também sustentada

pela esperança e pela perseverança. Essa postura ativa e operante de enfrentamento existencial é o que move as pessoas em busca de um sentido.

Bela por ser uma obra bem estruturada, com uma linguagem poética rica e permeada de vislumbres transcendentais, é um livro que conduz o(a) leitor(a) a uma experiência estética e de sentido, intensificando a efervescência de sentimentos experimentados pelos seres humanos na vida através da experiência compartilhada por Santiago.

A obra *O Velho e o Mar* é um excelente recurso para discutir o sentido da vida, explorando elementos da própria condição humana e abrindo espaço para um diálogo com várias perspectivas sobre a questão abordada. Entre essas perspectivas, destaca-se a de Viktor Frankl, cuja abordagem foi utilizada nesta pesquisa e demonstrou ser frutífera nas relações diretas e indiretas com os princípios da Logoterapia.

Referências

BONHOEFFER, Dietrich. *Criação e Queda – Uma Interpretação Teológica de Gênesis 1-3*. Sinodal, 2020.

DAILEY, Thomas F. Eucharist & the Theopoetics of Encounter according to St. Francis de Sales. In: CHORPENNING, Joseph. *Human Encounter in the Salesian Tradition*. Rome: International Commission on Salesian Studies, 2007, p. 63-76.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009.

GONZÁLEZ, Justo L. *E até os confins da Terra: uma história ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. 78. ed. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2013.

KIVITZ, Ed René. *Talmidim: o passo a passo de Jesus*. Mundo Cristão, 2012.

KUIAVA, Evaldo Antonio. Ética da alteridade. In: TORRES, Carlos Brum João (Org.). *Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 324-345.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. da Trad: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAY, R. O surgimento da Psicologia Existencial. In: R. May (Ed.) *Psicologia Existencial*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 1-56.

MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Rio de Janeiro: Petra, 2021.

PATRÃO NEVES, M. Sentidos da vulnerabilidade: característica, condição, princípio. *Revista Brasileira de Bioética*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 157-172, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/7966>. Acesso em: 24 out. 2023.

RIGNEY, Joe. *As coisas da terra: estimar a Deus ao desfrutar de suas dádivas*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.